

# GRACILIANO RAMOS

**G**RACILIANO era filho de pai fazendeiro e comerciante, mas essas imagens de miséria do Nordeste não se perderam e, mais tarde, quando sua consciência despertou, ele compreendeu que aquelas pessoas áridas, quises mudas, que o cercavam, eram assim por causa da grande pobreza material que as colocava à margem da vida. *Vidas Secas* exemplifica bem isso. A economia de meios da sua expressão literária também se localiza aí.

Graciliano Ramos também era um introvertido. A jornalista Clara Ramos, sua filha mais nova — Clarita, como ele a chamava — ainda hoje não consegue falar do pai sem se emocionar. — Ele era uma pessoa embutida, espinhosa, mas de uma grande ternura. Uma grande figura humana. Um amigo sincero e leal. E era impressionante a sua paciência com os novos. Ao contrário do que muita gente pensa, ele tinha uma conversa agradável, aberta sem a economia de palavras dos seus livros.

— Ele sempre dizia que o pessoal dele, no Sertão, era uma gente fechada, de poucas palavras, árida mesmo. Acho que isso se refletiu no seu psiquismo e, depois, se tornou uma das características de sua obra. Ele teve uma infância sem privações, mas muito isolada, em termos de geografia e de calor humano.

D. Clara fala baixo e procura dissimular a sua emoção. Pede ao marido que vá para o quarto, para se sentir mais à vontade. A amizade que a uniu ao pai era muito grande. Em 1950 — e até 1952 — eles trabalharam juntos, no CORREIO DA MANHÃ. Ela não tinha ainda 16 anos, mas se recorda, palavra por palavra, das conversas que tinham, quando saíam juntos, do jornal, depois do expediente. Caminhavam a pé, da Avenida Gomes Freire até o Passeio Público, para tomar ônibus, e Graciliano sempre se referia com ternura ao casarão antigo dessa parte do Rio, lembrando-se de sua juventude, aqui, em 1914.

— De sua juventude ele sempre falou com mais ênfase do que da infância. Sobre o tempo que passou no Rio, então, ele se falava com muita ternura. Mas nunca foi capaz de escrever sobre isso. Ele se considerava um escritor do Nordeste e, na verdade, só podia escrever mesmo sobre coisas que sentisse profundamente.

Apesar do paralelo que se faz, constantemente, entre Graciliano e Machado de Assis, este não era o seu escritor favorito. Clarita lembra que era de Eça de Queiroz que ele falava com maior emoção.

— Não sei qual a fonte dessa sua preocupação com a palavra justa, com a propriedade estilística que ele que-

ria quase absoluta. Isso, em parte, deve ser produto do sertão, de onde ele veio. Na verdade, ele nunca falou sobre isso. Agora, eu acho que, além da influência das origens, era uma questão de temperamento. E mais: de caráter.

— Ele sempre preferia a prosa viril. Nada de plumagens. Acho que foi claro e direto para o leitor, era para ele uma forma de respeitar as pessoas. Quanto menos enobrar o leitor, melhor. — Todo mundo sabe que, de suas obras, a de que ele gostava menos era *Caetés*. Ele dizia sempre que preferia que *Caetés* tivesse sido queimado, nos tempos de Palmeira dos Índios. Ele gostava de *Vidas Secas*. E se referia, com muito carinho, a *São Bernardo*, porque, segundo ele, foi escrito no mesmo ano em que eu nasci. Mas isso ele dizia por bondade.

— Eu não sei de ninguém que fosse tão franco. Dizia as coisas mais incisivas, de frente para o interlocutor. Tinha uma coragem pessoal que era uma coisa alarmante. Mas também não sei de ninguém que fosse mais gentil, mais humano, mais preocupado com o próximo.

Clarita diz que ele não assimilou em nada aquela característica patriarcal típica do nordestino. Ela se baseia, para dizer isso, na ternura e no respeito que ele sempre dedicou à mulher e aos filhos. Apesar da sua personalidade marcante, que se impunha, onde quer que ele estivesse, Graciliano era um sedentário, um homem do lar, que não fazia vida noturna. Nem os amigos mais queridos, como Otto Maria Carpeaux, Portinari, José Olympio, ele visitava, mas ficava muito feliz quando era procurado.

— Ele era de uma integridade que não tinha limites. Uma honestidade tão grande, que nunca nos causou medo, mas respeito, nas horas difíceis de privação, nós estivemos ao lado dele, porque sabíamos quem ele era e o quê e porque estava fazendo tudo aquilo.

— Sua honestidade era tanta que nem a carta dirigida a uma filha de quatro anos ele era capaz de abrir. Mesmo sabendo que a criança não podia ler, ele para abrir e ler a carta para a filha, pedia licença.

— Respeito era a sua forma de amor ao próximo. E, para ele, esse amor não se realizava individualmente, mas só tinha sentido, na proporção em que pudesse existir para todos os homens. E esse respeito aparecia nos menores detalhes, até as afirmações de maior importância, na sua literatura.

— Como artista e como homem, ele nunca fez concessões. Sofreu muito, mas manteve, até o fim, a sua consciência. Mesmo durante o Estado Novo,

teve muitas ofertas tentadoras, em troca de mudança de atitudes, mas nunca se deixou seduzir por elas. Nem quando morávamos todos, num quarto de pensão, quando ele precisava acordar às três horas da madrugada para escrever seus contos, com os quais sustentava a família. Num país como esse, nas boas e más situações, ele viveu sempre do seu ofício de escritor.

Só mais tarde é que Carlos Drummond de Andrade arranjou para ele um cargo de Inspetor de Ensino. E, nessa condição, ele foi trabalhar no Mosteiro de São Bento. Lá, apesar das diferenças ideológica e política que o separavam dos monges beneditinos, ele conseguiu se fazer admirar por todos — monges e alunos.

Sua atividade jornalística foi sempre, como ele fazia questão de dizer, a de um revisor. Nos últimos anos, no CORREIO DA MANHÃ, ele era encarregado de dar forma às matérias mais importantes. E, apesar dos convites sucessivos, nunca aceitou escrever, porque discordava da linha do jornal. "Eu sou um revisor", ele dizia. E só aceitava publicar, no jornal, seus contos e capítulos de seus romances.

Clarita Ramos, apesar de muito jovem ainda, lembra-se de tudo que se refere ao pai. Acompanhou o seu trabalho, nos últimos anos e se recorda que, para trabalhar nos seus livros, ele se recolhia e não gostava de ser incomodado. Trabalhava de manhã, bem cedo. Acordava às 5h, nos últimos anos, e escrevia até à hora do almoço.

— Ele trabalha muito recolhido. Considerava-se um artesão. A sua criação não era uma coisa espontânea, não era só inspiração. Era muita transpiração. Um trabalho cuidadoso, organizado. Uma preocupação fora do comum com a forma. Um trabalho lento, detalhado, refeito.

— Os originais numa letra muito miúda, mas muito certa. Até as emendas eram bem feitas. Era um perfeccionista. E, se era assim, não era por vaidade, para se mostrar grande aos outros. Era mais por respeito ao leitor, ao próximo. Se ele tinha consciência da importância da sua obra para as literaturas de língua portuguesa ele nunca demonstrou. Era de uma valdeade excessivamente modesta.

— A língua era muito importante e ele queria que cada frase soasse perfeita, lapidada. Ele era um profissional da literatura.

Clarita lembra que toda a família participava do nascimento de um conto ou de um romance. A noite, Dona Heloisa, sua mãe, lia em voz alta o produto do trabalho diário de Graciliano. Ele achava isso muito importante, porque era uma fase do seu processo de criação.

Clarita tinha 5 anos, quando ele escreveu *Vidas Secas*. Acompanhou o livro, parte por parte e chegou a decorar trechos inteiros e até capítulos.

— Ele dizia que não gostava de poesia, porque não tinha ouvido, mas a verdade é que declamava, no banheiro, enquanto fazia a barba, versos de Verlaine, cuja musicalidade era o contrário de sua frase seca e direta.

Outra coisa que Clarita lembra, com muita emoção, é que toda a família participava da correção das provas dos livros.

— Era o líder absoluto da família, não que se impusesse como tal. Era simplesmente, por causa da sua maneira de ser. O amor que todos nós tínhamos por ele foi conquistado. Ele nunca impunha nada. Aos 16 anos, ele permitiu que eu fosse trabalhar com ele, no CORREIO DA MANHÃ.

— Parecia ríspido aos outros, às vezes, mas não era assim. Sua maneira seca, era uma defesa. Uma forma de esconder uma grande bondade e uma imensa ternura pelo ser humano. Acho que seu estilo seco revelava o seu pudor de se mostrar sensível, mas, na verdade, a seu jeito. Ele também fez poesia. Na esperança de dias melhores para o homem brasileiro, que ele deixa muito claro, na sua obra, que não foi uma obra panfletária, mas é uma obra de fé no homem e no futuro.

Clarita lembra que Graciliano era um homem de gostos simples. Um bom garfo, mas não era um requintado, apesar da convivência com gente muito requintada, como Augusto Frederico Schmidt e outros intelectuais do seu tempo.

— Ele não desprezava um bom feijão e pimenta.

Clarita diz que um dia alguém lhe disse que Graciliano dava assim uma aparência de muito limpo. Ela respondeu:

— Ele era realmente limpo. Era organizado e gostava de se vestir direito, mas eu acho que a principal limpeza dele era interior.

Um episódio interessante sobre Graciliano. Está narrado em *Linhas Tortas*. E José Olympio reproduziu na 15ª edição de *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Em 1945, Rosa concorreu a um concurso de contos, patrocinado pela José Olympio. O prêmio estava entre Rosa e Luiz Jardim. O voto decisivo era de Graciliano e foi para Luiz Jardim. Depois de *Sagarana* publicada, ele se encontra com Rosa, que não tinha guardado o menor ressentimento. Graciliano disse, depois em *Linhas Tortas*, num tom verdadeiramente presunçoso: "Daqui a 10 anos, ele vai escrever um grande romance, que eu não vou ler, porque estarei morto". Isso foi em 1946. Em 1956, saiu *Grande Sertão: Veredas*.



Clarita, como Graciliano a chamava, diz que o pai era uma figura embutida, espinhosa, mas cheia de ternura. Ao lado, ela explica a personalidade do escritor. Embaixo, Franklin de Oliveira fala dele. Foram colegas no CORREIO DA MANHÃ.

VISÃO CRÍTICA

## GRACILIANO: O DUPLO TESTEMUNHO

FRANKLIN DE OLIVEIRA

OBSERVA Arnold Hauser que as obras de arte são provocações: nós não as explicamos — elas polemizam conosco. Obra eminentemente provocativa, nos quadros da ficção brasileira, é a de Graciliano Ramos. Enxuta e desarmada como o Nordeste, cuja aspérea paisagem física, humana e social se identifica, através de verdadeiro processo de empatia, com a exata, concisa prosa de Graciliano, a sua obra vive em contínua atitude de agressão ao leitor. Não nos concede um mínimo de repouso: submetem-nos a uma tensão permanente, que nos enriquece, na medida em que nos fecha os cómodos caminhos do conformismo. Graciliano parece ter ouvido o conselho de Henryk Pontoppidan: "Não deixe nunca esfriar a sua cólera." Cólera retivida, não inspirada no ódio, mas na vontade de justiça.

### Ilusões da crítica de base biográfica

Construída com rigorosa economia de meios, tão rigorosa que, na sua despojada desnudez, dá a ilusão de linear, a sagra romanesca de Graciliano Ramos concentra uma tal riqueza, que nenhuma sondagem crítica será capaz de exaurir completamente a sua densa complexidade. De onde apresentar-se como provocação. Tentou aceitar esse desafio o crítico alemão Helmut Feldmann, professor-assistente dos cursos de letras da Universidade do Ruhr, numa tese de doutoramento apresentada à Universidade de Colônia. Nessa tese procedeu o levantamento de toda a obra de Graciliano, partindo do estudo dos reflexos da personalidade do escritor em seus romances. Voltou, assim, Feldmann ao método biográfico.

Se a causa mais evidente de uma obra de arte é o autor, a verdade é que a autêntica obra de arte atravessa o seu criador, não só no sentido de que adquire autonomia própria, como ainda no sentido de que incorpora dados que não são os da experiência pessoal do autor se a entendermos como expressão ou elementos de sua vida íntima. É por isto que o método biográfico permanecerá sempre — e a observação é de Lucien Goldmann — como processo de pesquisa meramente auxiliar. O enfoque biográfico leva o crítico a esquecer que a obra de arte é algo mais do que simples elaboração de vivências pessoais. Esta é uma verdade que se faz tanto mais limpa quando verificamos que a obra de arte organiza um universo independente, um cosmos que se nutre de suas próprias energias. Por isto mesmo esse universo só se torna inteligível na proporção em que o vemos desde dentro de sua própria estrutura. O método biográfico não permite esta angulação. Possibilita apenas contribuições para uma avaliação externa e, portanto, insuficiente, incompleta, precária. E quando o crítico circunscreve a sua investigação ao campo da psicanálise, como o faz Helmut Feldmann, as possibilidades de compreensão abrangente da obra de arte ficam ainda mais perigosamente reduzidas. Isto porque tal procedimento, centrado nas pesquisas do inconsciente e do subconsciente, relega a plano secundário, precisamente aquilo que é primordial na elaboração da obra de arte: a presença da consciência. Consciência no mais amplo dos sentidos: consciência arquetonal e consciência social. A obra de arte só é criada em estado de absoluta lucidez quando o artista assume o controle de todos os dados que integram a estrutura estética. Mesmo aquilo que parece obscuro, ou que se mostra como apreensão do onírico, captação do sonho, passa pelo crivo implacável da atividade consciente. Nada há de mais altamente montado do que a fixação do automatismo literário.

Graciliano Ramos pagou alto preço às abordagens unilaterais de sua obra. Por conta das análises centradas unicamente no psicologismo e no sociologismo construíram-se em torno do grande escritor os mitos do "pessimismo radical" e do "negativismo orgânico". Feldmann cai nesta cilada, indo ainda ao mais fundo do abismo, ao falar do que chama de a "psicologia criminal" de Graciliano. Tal acontece porque, embora fazendo incursões no meio social do qual emergiu Graciliano — a hinterlândia das Alagoas — e no qual situou grande número de suas personagens, Feldmann realiza uma análise abstrata do universo ecológico que o romancista transformou em painel de criação artística. A homologia entre forma romanesca e estrutura social, instaurada por Goldmann, Feldmann a procurou pelas vias do abstracionismo, e não através de interações dinâmicas e concretas. Fez uma reversão total do método goldmanniano. A consequência desta inversão é a desfiguração dos objetivos que nortearam Graciliano em sua criação artística.

Assim, por exemplo, Feldmann descobre que o crime tem, para Graciliano, significado de uma auto-affirmação individual. Ora, o que Graciliano mostra é bem diferente, ou seja: que a luta pela afirmação individual, a salvação do indivíduo, dele são, numa sociedade fundada na alienação das relações humanas, quando não conduz diretamente ao crime, constitui em si mesma luta criminosa, porque centrada na exacerbação altíssima do egoísmo e dos más baixos apetites humanos. É o caso de Paulo Honório, em *São Bernardo*. Ele recusa um status que lhe foi conferido pela sociedade em que vive, mas não recusa essa sociedade. Tudo quanto quer é nela se afirmar, via ascensão econômica. Busca, então, os caminhos da realização autocêntrica, a qual o leva a colocar a vida em termos de relação dialética de senhor e escravo. A posse passa a ser a chave de sua semântica existencial. Ter, ser proprietário, de terras ou de uma mulher, eis seu alvo. A solidão é o purgatório desse universo. Universo individual inserido numa sociedade basicamente criminosa, na qual se cometem a cada fração de segundo os más inomináveis atentados contra o ser humano, sem que ninguém se sinta por eles culpados ou deles cúmplices.

Feldmann não vê esta criminalidade intrínseca à sociedade. Num brutal erro de angulação, a transforma em componente inata à personalidade humana, de onde falar de "psicologia criminal" em Graciliano. Assim, o que em Graciliano é denúncia, é protesto, ele converte em manifestação de uma realidade última e metafísica. Esta conversão é a forma que Feldmann tem para salvar a dignidade pessoal do homem Graciliano Ramos. Feldmann parte, então, para a apologia de uma categoria que descobre em Graciliano, mas que nele inexistia: a *vida contemplativa*. Eis também uma maneira de ofuscar o sentido social da obra de Graciliano.

### Alienação, categoria de Graciliano Ramos

Não se pode compreender o universo novelário de Graciliano Ramos, sob muitos aspectos o mais importante dos romances de 30, ignorando o papel central que desempenham o desamparado em sua criação artística. Compreenderam esta verdade Luís Costa Lima (*Por Que Literatura*, Petrópolis, 1968) e Carlos Nelson Coutinho (*Literatura e Humanismo*, Rio, 1967).

Vista a novelística de Graciliano sob esta óptica, dissolvem-se os mitos do "pessimismo radical" e do "negativismo orgânico" (teses de Antônio Cândido, Alvaro Lins, Rolando Morel Pinto). Dissolve-se também o mito de que a problemática de Graciliano era a da "luta entre o Bem e o Mal", ou ainda de que o sertão, na sua obra, é "o cenário de uma

poderosa tragédia metafísica", ambas estas teses sustentadas por outro crítico alemão — Günter W. Lorenz. Eis uma escatologia que não se aplica à obra de Graciliano Ramos, autor debruçado sobre o sofrimento de seu povo e sua terra, a proclamar, no testemunho vivo de sua criação, as causas reais, as determinantes objetivas daquele sofrimento, cujas raízes o romancista demonstra que estão na miséria brasileira. Graciliano é, como o chamou Valdemar Cavalcanti, o "romancista dos pobres diabos". Esses "pobres diabos" que são legião no Nordeste agrário e urbano, em muito se parecem ao miltique de Teheok e ao "bossiak" de Górkí, ambos, como Graciliano, narradores de um imenso país imóvel e de uma sociedade putrefacta.

### Impossibilidade do amor na vida humana

Um dos deveres da crítica, em relação aos escritores que já estão distanciados no tempo, é descobrir os liames que podem vincular-los aos interesses vitais das novas gerações. Desocultar os motivos de sua "irradiação atual". Se realmente eles foram grandes em sua época, esta é tarefa que se cumpre com a maior facilidade.

Ainda persiste o Nordeste trágico de Graciliano Ramos. Mas o leitor de hoje não está interessado numa visão naturalística de determinada realidade social, sim na dimensão psicológica da tragédia que ela encerra, já que aprendeu que os problemas psicológicos são problemas políticos — políticos enquanto problemas que emergem da organização da sociedade. Qual a problemática mais relevante para os jovens leitores de hoje, colocada pela obra de Graciliano?

O problema do amor, como realidade nuclear do relacionamento humano e única possibilidade real de vida viva.

Abel Jeanière, em sua *Anthropologie Sexuelle*, mostra como o amor e a morte são os dois únicos fatos que atingem a totalidade da vida humana. O primeiro, enquanto força biológica e não só espiritual, consubstancia-se no privilégio do encontro, do ser-com-o-outro — é na relação homem-mulher que se revela o nosso conteúdo humano; revela-se na medida em que o outro, enquanto ser humano é, para a pessoa humana, uma imprescindível necessidade — a de sua interação.

Esta relação dialética homem-mulher não é só o nosso fato essencial: é a própria razão da vida. Mas, acontece que o amor, como sentimento humano e pulsão erótica, tem também uma história social, quer dizer: é condicionado pela situação histórica da sociedade em que homem e mulher se amam. É este condicionamento social do amor que faz com que o conflito erótico, com todas as suas implicações morais e emocionais, esteja sempre situado no centro da criação romanesca — em todos os romances, o problema da ligação sexual manifesta-se, não só como problema do indivíduo, mas também como problema social e histórica de toda a humanidade.

Nas sociedades em que os homens são atomizados pela alienação, nas quais a reificação os pulveriza, a ligação sexual — o amor —, entendido desde comunhão espiritual à comunhão de cama, torna-se cada vez mais problemático. O romance moderno, a partir de suas origens cervantinas, aponta para esta diátese. E é ela que aparece, sob múltiplas formas, na ficção de Graciliano Ramos. José Valério e Luísa, Paulo Honório, Marina, Luís Silva, Julião Tavares, Madalena — eis toda uma galeria de personagens que não conhecem o amor. O "desencontro da linguagem" que se verifica nos diálogos de Graciliano remete ao bloqueio em que as pessoas são isoladas.

Não conhecem o amor porque são sentimentalmente áridos, emocionalmente esterilizados? Não. O feroz desencanto em que suas vidas se abismam, só lhes deixa a solidão. São seres dilacerados pela sua circunstância social — afundados na vida inautêntica.

Este é o motivo básico por que não há pessoas luminosas na ficção de Graciliano Ramos — o mundo que ele espelha não produz seres exceis. Gera somente *vidas secas* — homens como Fabiano, tão reprimidos na sua humanidade, que não sabem sequer verbalizar o seu pensamento. Há uma trágica isomorfia entre bichos e homens, na ficção de Graciliano. Os homens são incapazes até de exprimir um mínimo de sua humanidade que, de tão precária, fixa-se ao nível da animalidade. Nesse esgarçado universo da incomunhão humana, a figura da cadelinha *Bábea* instaura um símbolo: a humanidade não é dádiva dos homens. Eles ainda não transpuseram as fronteiras da crueldade, os dois meninos de *Vidas Secas* sequer nome têm. Como se fossem seres humanos ainda não criados.

### A difícil esperança, sentido de uma obra

Victor Kloth, que endossou a tese do "pessimismo radical" de Graciliano, termina, em seu ensaio sobre *Vidas Secas*, descobrindo a presença da esperança, no romancista alagoano. A esperança tem de estar presente à ficção de Graciliano pelo simples motivo de que ela foi escrita por um homem que possuía a perspectiva histórica da evolução humana.

Se ao leitor mais impermével esta verdade não saltar à vista, emergindo da obra romanesca, é a encontrar em um ensaio crítico de Graciliano, precisamente naquele que o romancista dedicou ao estudo do "fato econômico no romance brasileiro". Nesse ensaio, observa ele que "os nossos escritores não conseguem fazer seus trabalhos incompletos"; que "nos trabalhos de ficção brasileiros falta alguma coisa". Mas, que carência é esta? A do dado econômico. "Lendo novelas — diz Graciliano — temos o desejo de perguntar de que vivem as suas personagens". E frisa, quase pedagógico: "Testemunhas do conflito em que se debatem o capital e o trabalho, os romancistas brasileiros nos apresentam ora o capitalista, ora o trabalhador, mas as relações entre as duas classes ordinariamente não se percebem".

Temos aqui a descoberta, por via intuitiva, de uma das teses lucasianas — e digo intuitiva porque é certo que Graciliano não chegou a ler o grande pensador húngaro. "Para termos completamente humanos — acentua Graciliano — necessitamos estudar as coisas nacionais, estudá-las de baixo para cima. Não poderemos tratar convenientemente das relações sociais e políticas, se esquecermos a estrutura econômica da região que desejamos apresentar no livro". (*Linhas Tortas*, São Paulo, .. 1967).

Porque desceu ao estudo das estruturas econômicas, Graciliano Ramos foi ao cerne do problema capital do homem contemporâneo — o problema da alienação. Compreendeu, também, que a sociedade capitalista não é o ponto terminal da História. Compreendeu ainda, que as tragédias que marcam a vida humana ainda, que as *quedas*, preço teológico pago ao pecado original, portanto, traço de uma maldição ontológica ("o pessimismo radical"), mas preço sociológico e, portanto, passível de ser cancelado, numa sociedade para a qual a *humanitas* seja vida realidade concreta.